

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da
inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015,
UFES, Vitória-ES.**

A construção pomerana em Domingos Martins/ES.

Raphael de Souza Brun

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O presente trabalho abordará questões a respeito da construção das identidades étnicas pomerana e germânica, a partir de uma visão antropológica. Assim será tratado de como essas identidades são acionadas, mescladas, alternadas e contrapostas conforme o contexto, demonstrando como identidades étnicas são construções sociais, que se transformam conforme a situação. O campo escolhido foi o de Domingos Martins/ES, município formado pela junção das duas antigas colônias de Santa Isabel e Santa Leopoldina, que abriga uma população oriunda da imigração europeia para o Espírito Santo, principalmente a de origem germânica, embora não haja outros grupos étnicos. O histórico da colonização do estado por esses grupos e a relação dos mesmos com a sociedade mais ampla, bem como as políticas criadas pelo Estado, criará uma situação de Identidade Negativa e posteriormente ocorrerá um processo de (res)significação e (re)valorização dessa identidade e cultura, sendo esse o eixo central da pesquisa. O artigo é fruto de novas interpretações sobre o processo de (res)semantização da Identidade e Cultura Pomerana.

Palavras-chave: Identidade étnica; imigração; colonização;

Introdução:

Esse artigo é resultado de novas reflexões sobre minhas pesquisas em relação a identidade étnica pomerana. O processo de manutenção das fronteiras étnicas, enquanto construção social tem suas variações, é importante ressaltar que a identidade pode ser percebida e reivindicada de forma diferente por atores diversos, e entre os pomeranos não é diferente.

No Espírito Santo, a imigração de povos germânicos começa no ano de 1847, com a fundação da colônia de Santa Isabel, localizada a 30 quilômetros de Vitória, capital da então província. Contando com baixa densidade demográfica e ocupação na faixa litorânea, como nos conta Silas Raasch em sua dissertação sobre a colônia de Santa Isabel e seus imigrantes, entre os anos de 1847 e 1889, “...o Governo procurou incentivar a colonização estrangeira como forma de tornar a terra do interior produtiva, ao mesmo

tempo em que se processava a sua ocupação. (RAASCH, Silas. 2010:67). Essa primeira leva de imigrantes estabelecidos em Santa Isabel, “...em número de 163, formando 38 famílias, eram originários do Reno, das elevações do Hunsruck. Mais tarde, juntou-se lhes um contingente do Hesse do Reno.” (WAGEMANN, E. 1949:22)

A chegada de outros imigrantes acontece somente em 1855, somando 116 novos colonos até 1858, vindos de regiões da Prússia, de *Brandenburg*, e de países como Bélgica, França, Itália e Suíça. Ainda segundo Wagemann (1949), o fluxo volta a aumentar nos dois anos seguintes, com a entrada de mais 267 imigrantes, com 160 deles vindos do Hesse – região de onde deriva a maioria dos colonos germânicos instalados em Santa Isabel.

„...entrada de imigrantes em Santa Isabel sempre foi irregular e nunca obteve a expressividade alcançada por outras colônias criadas no mesmo período, como Santa Leopoldina. Entre 1861 e 1863 Santa Isabel recebeu apenas 96 imigrantes enquanto que, entre 1871 a 1895, existem registros de apenas algumas entradas esparsas e que somam apenas 37 imigrantes. “. (RAASCH, Silas. 2010:69).

Com maior expressividade a colônia de Santa Leopoldina, foi criada um decênio após Santa Isabel, ano de 1857. De acordo com Ernst Wagemann (1949), nos dois primeiros anos 362 imigrantes chegam, sendo 140 suíços no primeiro ano e 222 pessoas de diversas nacionalidades no segundo.

A partir do ano de 1859, inicia-se a imigração pomerana, esses foram fixados exatamente na Colônia de Santa Leopoldina, o maior fluxo vem entre os anos de 1868 e 1874, sendo a maior parte da Pomerânia Oriental. “*No Estado fixaram-se inicialmente na chamada Kulland (“terra fria”), região de montanhas, hoje municípios de Santa Leopoldina, Santa Teresa, Domingos Martins, Marechal Floriano e Santa Maria do Jetibá.*” (JACOB, J. F., 2010:21). Em meados do século XX, conforme nos conta Jorcy Foesrte Jacob, em seu livro “*A Pomerânia brasileira: uma eterna migração*” um novo fluxo migratório dos pomeranos é iniciado, agora para o norte do estado.

“... nas décadas de 1940 e 1950, muitos posseiros ou proprietários de pequenas terras endividados se viram obrigados a rumar para a região norte do estado. Assim migraram rumo à “*haita land*” “*terra quente*” – atualmente

municípios de Afonso Cláudio, Itarana, Itaguaçu, Laranja da Terra, Baixo Guandu, Colatina, São Gabriel da Palha, Vila Valério, Jaguaré, Pancas e Vila Pavão.” (JACOB, J. F., 2010:24).

A expansão para o norte, criou duas grandes zonas de presença alemã no estado, redefinindo o território ocupado por esses. Na década de 1960, ao escrever seu livro “A Colonização Alemã no Espírito Santo”, Jean Roche, logo no início do capítulo I, diz:

As “colônias” alemãs integram, atualmente, duas grandes zonas, situação uma ao Sul e outra ao Norte do vale do rio Dôce. Poderíamos, sem dúvida, classifica-las em 1.º zona de antigas colônias (fundadas antes da Primeira Guerra) e 2.º zona das novas colônias (abertas depois ou em vias de abrir-se em zona pioneira). (ROCHE, Jean. 1968:13).

Destaca que essa divisão histórica cronológica, nunca foi encontrada em estudos ou até mesmo nas expressões populares, que preferem expressões do tipo: “ao norte do rio Doce”, “Terra Quente”, “Terra Fria”, “Mata Fria”.

Temos então que a colonização germânica no Espírito Santo, está dividida em dois momentos, o primeiro que diz respeito a chegada e colonização da região denominada “Terra Fria”, e o segundo momento, referente a expansão para o norte e colonização da “Terra Quente”.

Dividindo em quatro gerações, Bahia (2011) e Roche (1968), traçam a expansão das colônias pelo território espiritosantense, a primeira geração compreenderia o período de 1847 a 1900, a segunda geração de 1900 a 1935, a terceira de 1935 a 1970 e a quarta a partir da década de 70. A abertura de novas fronteiras começa já na primeira geração, devido à escassez de terras, entretanto essa ainda é feita dentro do território que compreende as *terras frias*. A segunda e terceira geração marcam a expansão para as *terras quentes*. E a quarta geração irá representar o período de expansão para o norte do país.

A Identidade Étnica:

A política de imigração que começou no período imperial resulta na concentração de diversos núcleos coloniais espalhados por todo o Brasil, normalmente em regiões (relativamente) isoladas social e espacialmente dos centros urbanos, considerados assim “*quistos raciais*” (SEYFERTH, 1994), que dentro de uma concepção de identidade

nacional presente à época, deveriam ser assimilados. A criação de colônias e instalação de imigrantes germânicos no Espírito Santo manteve as mesmas características, que segundo Giralda Seyferth, marcam sua relevância e especificidade a nível nacional, preenchendo os vazios demográficos¹ e em regime de pequenas propriedades, não sendo expressiva numericamente, assim o processo de colonização constitui-se “(...) *no estabelecimento em frente pioneiras*” (SEYFERTH, 1994. s/p).

Essas colônias eram ocupadas, a princípio, somente por povos germânicos, entretanto, com o passar do tempo outros povos europeus foram chegando e formando uma sociedade diversa da brasileira, tanto do ponto de vista étnico como cultura e econômico. O resultado foi que:

Essa diversidade, marcada em todos os planos da vida social, transformou-se numa questão nacional durante toda a Primeira República, atingindo seu ponto máximo de conflito durante o Estado Novo, no contexto da campanha de nacionalização (dirigida a todos os imigrantes e descendentes, mas particularmente dura com os chamados teuto-brasileiros. (SEYFERTH, 1994 s/p)

Desde o começo a imigração germânica para o Brasil encontrou resistência por parte dos que viam esses grupos como povos de difícil assimilação. Com a questão da identidade nacional, entre outros fatores, esse debate ganha mais destaque durante a Primeira República, e vai atingir seu apogeu durante o período Vargas, com a Política de Nacionalização e com a entrada do Brasil na segunda guerra mundial contra o eixo. Assim Giralda Seyferth (1994), em seu artigo “Identidade étnica, assimilação e cidadania”, em que trata da questão de nacionalidade e cidadania em um contexto de formação de uma identidade étnica teuto-brasileira, comenta sobre a evidenciação dessas comunidades étnicas no sul do país:

Ainda que se possa criticar a idéia de homogeneidade e isolamento, pressuposta por alguns estudiosos e condenada sob o rótulo de "enquistamento racial" por parte da elite comprometida com a idéia de caldeamento/assimilação que

¹ Esses vazios demográficos se fazem em relação a uma população não indígena, uma vez muitas dessas áreas contavam com a presença de índios.

*serviu de base à ideologia do branqueamento, a clivagem de natureza étnica tornou-se mais evidente no início do período republicano por dois motivos: a maior visibilidade política das antigas colônias e seu crescimento econômico por um lado, e a formulação de uma ideologia étnica que reivindicava o direito à especificidade cultural e mesmo à endogamia por outro. Como agravante dessa visibilidade, houve a influência explícita do pangermanismo (antes da primeira guerra mundial) e do nazismo (a partir de meados da década de 1920) - que reforçou a idéia de pertencimento étnico à nação alemã. O elemento de discórdia em relação ao nacionalismo formulado no início da República estava na dificuldade de assimilação dos alemães e de seus descendentes, diante da afirmação de uma identidade étnica teuto-brasileira que buscou sua legitimidade na noção de *Deutschtum*. (germanidade). (SEYFERTH. 1994 s/p)*

Temos então nesse período a evidenciação de uma identidade étnica e o conflito desta com o ideal de uma identidade nacional que era baseado em uma homogeneidade cultural e étnica. Nesse conflito o Estado promove uma perseguição a essas colônias com o intuito de forçar a assimilação, produzindo assim uma *Identidade Negativa*, ponto que será esclarecido mais adiante, primeiro tratarei da questão da identidade étnica.

A perspectiva antropológica:

A definição do que seria identidade étnica não é consenso na Antropologia. Para explicar o que seria essa identidade procuro me apropriar de dois autores, Max Weber e Fredrik Barth.

A existência de um grupo étnico seria possível graças a uma "... *crença na afinidade de origem – seja esta objetivamente fundada ou não...*" (WEBER, 2004:270). Assim, para Max Weber grupos étnicos são:

aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que está se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo

indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva.(WEBER. 2004:270)

Assim, Max Weber diz, que a partir de características sentidas como comum pelo grupo, e entendidas como importante para os mesmos, é que vai ser mantida uma crença subjetiva de que formam uma comunidade, bem como serão utilizadas como forma de exibir a identidade étnica. É interessante ressaltar que:

Sem dúvida, nem toda crença na afinidade de origem baseia-se na igualdade dos costumes e do hábito. Mas, apesar de grandes divergências neste campo, semelhante crença pode existir e desenvolver uma força criadora de comunidade, quando apoiada na lembrança de uma migração real: de uma colonização, ou emigração individual. (WEBER. 2004:270)

No caso dessa pesquisa, as questões das lembranças de um passado comum, de uma migração real, ganham importância na constituição da identidade étnica pomerana. O autor ainda completa dizendo que os efeitos ao habitual e recordações da juventude atuam nos imigrantes, servindo como fonte de um “*sentimento de apego à terra natal*” (WEBER. 2004:270), todavia, um retorno à terra de origem seria insuportável, quando esses já se adaptaram ao novo ambiente. Essa relação com a terra de origem sobreviveria mesmo com as misturas dos colonizadores com os habitantes locais, assim como com consideráveis modificações no patrimônio tradicional e no tipo hereditário. O que permite a manutenção do grupo, segundo o autor, é o respaldo político, uma vez que os grupos étnicos são comunidade políticas e que ainda pesam as relações de parentesco, criadas pelo conúbio e a necessidade de os “costumes” terem permanecido constantes. Assim sendo, as relações de mercado entre a colônia e pátria de origem, continuariam existindo, enquanto durar a necessidade, ainda mais quando se trata de uma colônia e território político estranho. Dessa forma:

A pertença étnica determina, assim, um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintivas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio segundo um sistema de divisões sociais verticais. Mas essas características distintivas, só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos

que as exibem, um parentesco ou uma estranheza de origem.
(POUTIGNAT E STREIFF-FENART. 1998:38)

Para Fredrik Barth, as características culturais e linguísticas, entre outros fatores são usados pelos próprios integrantes dos grupos étnicos como demarcadores de fronteiras, podendo se modificar com o tempo. Esse autor vai dizer que os grupos étnicos são:

... um grupo atributivo e exclusivo, a sua continuidade é clara: ela depende da manutenção de uma fronteira. As características culturais que assinalam a fronteira podem mudar, assim como podem ser transformadas as características culturais dos membros e até mesmo alterada a forma de organização do grupo.
(Barth, F. 2000:33)

Diferentemente de Weber, que considera as identidades étnicas como organizações políticas, Barth acredita que uma etnia é formada por uma organização social, sendo que esse grupo atribui importância a determinados conteúdos culturais como forma de demarcar suas fronteiras. As fronteiras étnicas são construções sociais e dinâmicas e a identidade que ela desperta é auto-atributiva e está fundamentada na sua forma de organização e pertencimento.

Língua e religião podem assumir papel importante nesse processo. Weber aponta que ambas contribuem para a formação das comunidades étnicas, pois autorizam uma compreensão entre aqueles que dividem um código linguístico ou um sistema de regulamentação social da vida, contudo, língua e a religião, embora de grande importância, não são fatores determinantes do pertencimento à uma comunidade étnica, pois ainda pode-se perceber entre pessoas que se sentem subjetivamente membros da mesma etnia grandes diferenças religiosas ou linguísticas.

A identidade de um grupo pode funcionar, segundo Denys Cuche (1999), de forma afirmativa ou como uma imposição. O autor diz que, ela sempre será fruto de negociação entre uma “auto-identidade” – que é definida por si mesma – e uma “hetero-identidade ou uma “exo-identidade” – que é definida pelos outros. A legitimidade da auto-identidade em relação à hetero-identidade irá variar conforme as relações estabelecidas pelos grupos, ou seja, do embate de forças instalado entre os atores em questão. Quando a situação instituída é de dominação caracterizada, a hetero-identidade é traduzida pela

estigmatização dos grupos minoritários. Essa situação foi nomeada por Cuche (1999) como “Identidade Negativa”, assim o autor diz que:

A identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais. Nem todos os grupos têm o mesmo "poder de identificação", pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relações que liga os grupos. Nem todos os grupos têm o poder de nomear e de se nomear. Bourdieu explica no clássico artigo "A identidade e a representação" [1980] que somente os que dispõem de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, podem impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros. O conjunto das definições de identidade funciona como um sistema de classificação que fixa as respectivas posições de cada grupo. A autoridade legítima tem o poder simbólico de fazer reconhecer como fundamentadas as suas categorias de representação da realidade social e seus próprios princípios de divisão do mundo social. Por isso mesmo, esta autoridade pode fazer e desfazer os grupos. (CUCHE, Denys. 1999:83)

Tem-se então que a identidade é um jogo, uma construção social em constante negociação, uma queda de braço que tem suas variações, conforme a força e posição ocupada pelo grupo nessa disputa. A identidade pode ser caracterizada pela imagem que o grupo tem de si ou como a imagem que os *outros* fazem do grupo, muitas vezes estigmatizada. Nesse jogo de forças as imagens que se tem sobre o grupo podem mudar, ou seja, a identidade pode ser positiva ou negativa conforme o contexto.

A identidade teuto-brasileira-capixaba.

Com a instalação das colônias em locais de difícil acesso e longe dos centros urbanos, coloca os imigrantes em uma situação de *isolamento relativo* (SEYFERTH, 1994), Seyferth irá dizer que, esse longo tempo de distanciamento social e espacial, vai *"...contribuir para o fortalecimento de uma consciência étnica coletiva estruturada pelo próprio processo histórico de colonização."*, acrescentando ainda que o *"...sentido de identidade étnica teuto-brasileira, assim, relaciona-se a um sentimento de comunidade e solidariedade baseado numa história comum, uma cultura comum – a partir das quais são construídos os símbolos étnicos..."* (SEYFERTH, 1994).

Ao chegarem ao local designado para se fixarem, os colonos se depararam com uma situação precária, como relata Ernest Wagemann,

“Quando os alemães, trazendo, às costas, colchões, trem de cozinha, instrumentos de trabalho e vitualhas, quiseram tomar conta dos respectivos terrenos, foram surpreendidos com a notícia de que só a metade dêles fôra demarcada e de que não havia nem caminho nem vereda que rompesse a espessa mata que cobria os lotes.” (WAGEMANN, Ernest. 1949 p. 22)

O relato de Wagemann, diz respeito a chegada dos imigrantes a colônia de Santa Isabel, que ainda teria recebido uma boa estrutura e os colonos receberam ajuda financeira do governo. Entretanto,

Apesar disso, os colonos sofreram fome, de vez em quando. Os sérios obstáculos que se antepunham às vendas e aos aprovisionamentos, explicam o fato parcialmente. A população católica de Viana, em virtude de inimizade confessional, ou por outros motivos, não queria vender aos colonos qualquer espécie de alimentos, nem comprar-lhes os produtos. (WAGEMANN, Ernest. 1949 p. 23)

O Resultado dessa situação é que os imigrantes passam a realizar trabalhos em conjunto, fazendo mutirões para derrubada das florestas, plantar roças, construir casas e igrejas. Essas atividades fortaleceram os laços sociais criando um sentimento de comunidade muito forte. Assim,

A formação de uma cultura e de uma identidade étnica teuto-brasileira está relacionada ao processo histórico de colonização (ainda que compartilhado com imigrantes europeus de outras etnias). O que os brasileiros chamaram de "enquistamento étnico" dos alemães pouco tem a ver com o isolamento relativo das colônias; este resultou da própria condução da política de colonização e não da livre escolha dos imigrantes. (SEYFERTH, 1994).

Em outras palavras,

A concentração inicial dos alemães em áreas relativamente isoladas, portanto, resultou numa organização comunitária própria, considerada necessária diante da omissão do Estado, facilitando o uso cotidiano da língua materna. Tal organização não teve, propriamente, motivações étnicas, mas assumiu, no contexto do contato, sua germanidade — Deutschtum. A escola comunitária, criada para compensar a ausência do ensino primário público, por exemplo, transformou-se, depois, na “escola alemã”. As instituições comunitárias, assim, serviram de base para a construção social da identidade étnica teuto-brasileira. (SEYFERTH, 1999:204)²

Nesse processo de construção de uma identidade étnica, Religião e Língua também ganharam papel importante. A Igreja Luterana vai, segundo Joana Bahia, em seu livro *O Tiro da Bruxa*, destacar o papel da Igreja na criação de uma ideia de unidade nacional:

Enquanto a maioria da população migra no decorrer do longo processo histórico de formação do Estado alemão, tendo como bagagem suas especificidades regionais, a Igreja não apenas participa desse processo, mas evoca o sentimento de unidade nacional expresso na religião luterana e na construção das bases do alto-alemão pelo reformador Martim Lutero (BAHIA, J. 2011:123)

E complementa dizendo que:

A manutenção da língua alemã nos cultos e no ensino confirmatório e a referência às festas comunais alemãs, como é o caso da Festa da Colheita e a criação do feriado local no dia

² O *Deutschtum*, descrito por Giralda Seyferth, baseava-se na ideia de que a origem era alemã, por direito de sangue (*jus sanguinis*), e que a pátria era sua terra de origem ou a colonizada por imigrantes germânicos. Assim a nação era alemã, mas a cidadania brasileira. Pontuo também que esse mesmo discurso foi apropriado pelos avessos as colônias alemãs como forma de legitimar seu discurso nacionalizador contra os imigrantes.

da Reforma Luterana, são formas de reinvenção da ideia de unidade nacional do Estado alemão.

Nesse sentido, o pastor luterano, ao utilizar a língua alemã reinventa no Brasil concepções da nação alemã (...). (BAHIA, J. 2011:123).

Dito isso, pude constatar a presença de um sentimento de comunidade pautado em uma *germanidade*, que parte da concepção de que pomeranos, renanos, austríacos, entre outros são pertencentes ao mesmo povo, todos são germânicos. Há também uma *alemanhidade*³, identidade que leva em conta o Estado alemão. Ambas, podem ou não ser acionadas.

A questão da *identidade negativa* também foi possível de ser percebida no que tange o *ser pomerano*, todavia, segundo relatos, isso tem mudado com o passar dos anos. Não pude precisar uma data dessa mudança, até mesmo por ser uma transformação lenta e constante. Porém é possível perceber ações que contribuíram para essas mudanças. Como a criação de um grupo de danças folclóricas já na década de 1980. E mais recentemente a criação do dicionário da língua pomerana e criação do Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO), entre outras.

Algumas ações que contribuem para essa desconstrução da *identidade negativa* no município de Domingos Martins são referentes a identidade germânica, tendo reflexo no *ser pomerano*, outras exclusivamente pomerana. Cabe ressaltar também que há aquelas à nível estadual.

Na (re)afirmação da identidade étnica, a (re)apropriação e (re)significação do patrimônio cultural emerge. A importância desse processo se dá, pois, conforme a forma de exibição desse patrimônio (não estereotipada) cria-se um ambiente de positividade para a identidade, seguindo na linha de Denys Cuche (1999), a auto-imagem passa a ganhar espaço. Isso fica claro na fala a seguir:

Esse legado cultural seria, por exemplo, essa riqueza cultural que hoje é considerado como um patrimônio imaterial. E esse legado, por exemplo, na Europa nossos pomeranos perderam. E aqui como a gente viveu em um país livre aqui e em uma comunidade

³ Essa distinção cabe mais a nível de análise e explicação. A *alemanhidade* seria uma variação da *germanidade*, ou seja, em determinados momentos o Estado alemão como conhecemos hoje, é acionado enquanto elemento demarcador de identidade, servindo como elemento de inclusão ou de exclusão.

grande, então o legado seria essa riqueza da gente se comunicar, de hoje ser considerado como algo diferente em Domingos Martins ou municípios que tem cultura germânica. Eles são vistos como povo mais organizado, a cidade mais limpa, a gente falando mais línguas. Considero isso como uma grande riqueza. (...). A estima da gente é outra. Quando a gente se estima e a gente estima a cultura da gente, a gente se afirmar como nossa cultura também tem importância e tem valor, então eu acredito que seja isso. (H. B.. Entrevista realizada em 29/09/2011)

Essa fala retrata uma mudança de perspectiva e mostra como a valorização do patrimônio se torna importante nesse processo, porém, não qualquer patrimônio, mas aquele que é tido como importante nesse processo e que faz parte do legado cultural deixado pelos antepassados.

Conclusão:

Esse artigo buscou analisar a construção da identidade germânica e seus mecanismos de acionamento. Também tratou da (re)significação da identidade pomerana, em que essa passa de negativa para positiva – isso se torna válido também para a identidade germânica. E traz consigo uma revalorização de um patrimônio cultural – e de memórias – específico, entendido pelos membros do grupo como uma importante herança de seus antepassados e que deve ser preservado.

Apesar de haver um contexto de valorização da identidade pomerana, ainda existem muitos pomeranos que reproduzem a identidade negativa, há ainda aqueles que tem uma imagem estereotipada de si, tendo vergonha do modo de falar, do modo de se comportar, entre outras coisas.

Também existe uma demanda por mais pesquisas por assim seria possível desconstruir essa imagem negativa. Assim, diversas vezes foi me dito que a universidade precisa se fazer mais presente, contribuindo para esse processo.

Referências Bibliográficas:

- BAHIA, Joana.** *O tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã.* Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BARTH, Fredrik.** Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.* Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BARTH, Fredrik.** O guru iniciador e outras variações antropológicas. Fredrick Barth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.
- CUCHE, Denys.** A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru.EDUSC. 1999. ISBN 85-86259-59-4.
- JACOB, J. F.** *A pomerânia brasileira: uma eterna migração.* Vila Pavão: Jorcy Foerste Jacob. ISSN: 9788591162505. 2010
- LOPES, Almerinda da Silva.** *Albert richard dietze: um artista-fotógrafo alemão no brasil do século XIX.* Vitória: Gráfica e Editora A1, 2003.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne.** *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.* Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- Raasch, Silas,** A colônia de santa isabel e seus imigrantes (1847-1889).2010. 189f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em História social das relações políticas. Universidade Federal do Espírito Santo. 2010
- SEYFERTH, Giralda.** A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997.
- SEYFERTH, Giralda.** *Identidade étnica, assimilação e cidadania.* *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* São Paulo. V.9 n.26, 1994. Link: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm
- SEYFERTH, G. .** Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999, v. , p. 199-228.

WAGEMANN, Ernst. A colonização alemã no Espírito Santo. [Do original alemão Die deutschen kolonisten im brasilianischen staate Espírito Santo, Verlag von Duncker & Humblot — München und Leipzig, 1915. Tradução de Reginaldo Sant'Ana publicada em Separata dos n°s 68-70 do Boletim Geográfico, IBGE, correspondentes aos meses de novembro e dezembro de 1948 e janeiro de 1949, Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1949.]

WEBER, Max. *Relações comunitárias étnicas.* In Economia e Sociedade. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 2004